



Von Liebig, administração e o êxodo rural

Carlos Leomar Kreuz¹

Os agrônomos conhecem bem a contribuição do cientista alemão Justus von Liebig para a agricultura. Em resumo, ele defendeu a tese que a produtividade agrícola é limitada pelo fator de produção presente em menor quantidade no solo. Simbolicamente Liebig usava um barril construído a partir de tábuas, tendo cada uma delas tamanhos diferentes. No caso, cada tábua representava um nutriente presente no solo. Dessa forma, a capacidade de armazenagem do barril era limitada pela tábua curta. Na agricultura, a produtividade de determinada cultura seria limitada pelo nutriente presente em menor quantidade na terra, o qual seria a “ripa mais curta”. Exemplificando: de nada adianta adubar com fósforo quando o nutriente limitante é o potássio.

A teoria de Liebig evoluiu para a teoria dos gargalos e pode representar, também, a renda obtida em atividades agrícolas. Diz-se, popularmente, que o agricultor sabe produzir, mas não sabe vender a produção. Na verdade, o que ocorre é que hoje se dispõe de tecnologia para produzir, mas não se dominam técnicas de gestão. Independentemente da alternativa agrícola que o produtor rural quiser desenvolver, existem técnicas apropriadas que ele deveria utilizar. Basta, na maioria dos casos, que o produtor consulte o técnico da Epagri lotado no seu município.

Por outro lado, indiscutivelmente,

o problema é de administração da propriedade rural. O agricultor, por via de regra, nem sequer faz o registro de seus desembolsos para a adequada contabilidade da atividade desenvolvida. Que dirá um planejamento adequado de sua propriedade no que diz respeito à relação risco/retorno ou implantação de programas de qualidade ou de sustentabilidade, aspectos que até mesmo boa parte dos profissionais da área não dominam. O fato é que as propriedades rurais são administradas de forma intuitiva, onde o uso de ferramentas de gestão praticamente inexiste. A consequência disso é uma baixa renda

oriunda da agricultura, o que explica o farto número de fracassos no setor, impulsionando o êxodo rural.

Aliás, o que ocorre na agricultura não é diferente do que se observa no meio urbano. As estatísticas mostram que 80% dos negócios urbanos que iniciam suas atividades não duram 5 anos. A causa dos fracassos, em geral, são os problemas associados a sua gestão. Normalmente o iniciante abre o novo negócio tendo vasto conhecimento sobre o componente da produção (ou engenharia), desconhecendo a forma adequada de administração. Dessa forma, os problemas logo aparecem, sendo a principal causa da efemeridade desses empreendimentos. A principal diferença entre negócios rurais e urbanos parece estar no fato de que nos últimos inexiste o êxodo rural, amenizando a questão social envolvida.

Portanto, os fracassos nos negócios agrícolas tendem a ter uma seriedade superior aos urbanos. Urge, então, que nossos agricultores e nossos técnicos passem a dominar técnicas de gestão. Para isso, é fundamental que os órgãos públicos com atuação no meio rural priorizem a atuação nessa área. Do contrário, o que von Liebig nos ensinou terá pequena valia, tendo continuidade a migração do campo para os centros urbanos. ■



Apesar de conhecerem tecnologias de produção, os agricultores precisam dominar as técnicas de gestão da propriedade

¹Eng. agr., Dr., Diretor de Planejamento da Epagri, C.P. 502, 88034-901 Florianópolis, SC, fone: (48) 3239-5603, e-mail: kreuz@epagri.sc.gov.br.